
CARACTERIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA

Clarice de Matos Oliveira*

Introdução

Reconhecendo que o ensino de Língua Portuguesa deve ser baseado na leitura e compreensão de gêneros literários, é necessário que se faça o letramento literário, dando ao aluno a oportunidade de se apropriar da literatura, tendo a possibilidade de vivenciar a experiência literária. Dessa maneira, o trabalho com gêneros textuais é uma oportunidade de trabalhar com a língua em seus mais diversos usos.

Diante disso, acredito que o trabalho com os gêneros textuais torna-se fundamental para que os discentes reconheçam a língua como atividades discursivas que expressam uma forma de vida e uma forma de ação (MARCUSCHI, 2005, p. 11).

Dessa forma, apresento aqui uma sequência didática que abarca as características do gênero textual crônica. Essa sequência foi realizada em uma turma de nono ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Dante Jaime Brochado, da cidade de Juiz de Fora – MG. A intervenção¹ é resultado da disciplina Estágio Supervisionado II de Língua Portuguesa, do curso de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Com este trabalho, busquei apresentar e oferecer aos alunos a oportunidade de ter o contato efetivo com o gênero textual crônica, abordando suas características, ao propor leitura, análise, interpretação e produção deste tipo de texto. Dessa maneira, busquei possibilitar a formação de sujeitos críticos e letrados.

1 Caracterização da escola

A Escola Municipal Dante Jaime Brochado é uma Instituição de Ensino Municipal vinculada a Prefeitura de Juiz de Fora, situada na Rua Francisco Fontainha, número 163, no bairro Santo Antônio da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

* Mestranda em Linguística na Universidade Federal de Juiz de Fora – claricematos2013@hotmail.com

¹ Essa intervenção teve duração de quatro horas aula.



Atualmente, a escola ministra cursos de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essa instituição recebe bolsista do programa PIBID da UFJF (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), das áreas de Português e enfermagem. A atuação desses bolsistas na escola tem melhorado o rendimento dos alunos, que se sentem motivados ao terem contato com alunos da universidade.

A turma acompanhada durante o Estágio Supervisionado II de Língua Portuguesa era composta por um total de 25 alunos, sendo a carga horária da disciplina Português de 6h/aula por semana (quatro de Língua Portuguesa e duas de produção literária), em horário noturno. Os alunos têm durante o ano quatro bimestres, os dois primeiros valem vinte pontos, os dois últimos trinta. A média para ser aprovado é 50 pontos no final do ano.

Os discentes possuíam a mesma faixa etária, entre 14 e 16 anos. Eles não mostraram interesse pela disciplina, são muito dispersos, apesar disso apresentam um bom relacionamento com a professora. É visível que a conversa em voz alta e o uso do celular atrapalham muito o rendimento das aulas. Muitos demonstraram não ter motivação para estudar, não leem, não fazem as atividades propostas e não estudam para as provas. Muitos deles acreditam que os conteúdos trabalhados em sala não servem para nada em sua formação.

Na próxima seção apresentarei a fundamentação teórica que embasa minhas discussões, para em seguida, realizar descrição e análise das aulas ministradas por mim.

2 Pressupostos teóricos

Observando o contexto da educação brasileira, notamos disciplinas descontextualizadas, alunos desinteressados pela aprendizagem e professores ancorados em práticas de ensino insignificantes e ultrapassadas. A tentativa de mudança dessa situação busca algo que vem sendo discutido e merece reformas urgentes.

Dessa forma, as discussões sobre um trabalho pautado em gêneros textuais ganham força em nosso país, em que a educação abarque a realidade do aluno, preparando-o para a vida em sociedade. A escola passa ser um ambiente que ajuda a formar cidadãos. Os professores têm a tarefa de aguçar nos alunos seu senso crítico e sua criatividade, para que estes saibam lidar com as diversas situações encontradas na esfera social.

Acredito que o letramento deve se dá por meio da leitura e compreensão dos gêneros, o que permite ao aluno ter entusiasmo em ler, sendo a escola a maior responsável por promover esse interesse por parte do aluno. Sendo assim, considero o trabalho com gêneros textuais fundamental, visto que através dessa perspectiva há “o aprimoramento do educando como pessoa humana,



incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (LDBEN, 1996, Art.35).

Segundo Marcuschi (2008), conhecer um gênero textual implica dominar diferentes aspectos quanto à sua composição funcional, ao seu estilo e ao seu objetivo comunicativo, pois um texto sempre é construído a partir de uma intenção, de uma estrutura e de um estilo próprio a priori. Para tal tarefa, um ponto de partida adequado é a leitura de textos modelares, produzidos com base em um mesmo gênero.

Além da leitura, a produção de textos é outro aspecto que deve ser priorizado nas aulas de Língua Portuguesa. Dessa forma, é fundamental o aluno ter consciência de que existe uma razão, um objetivo a princípio, para elaborar um texto.

Assim, percebe-se a importância do trabalho com os gêneros textuais, buscando-se metodologias que tenham como resultado produções que circulem socialmente e em diferentes escalas sociais e não apenas na sala de aula, para que o processo de aprendizagem da leitura e da escrita não seja mero instrumento de decodificação, mas sim, instrumento formador de cidadãos que possam apropriar-se de tais processos de maneira responsável e socialmente adequada. Rojo e Moura (2012) acentuam essa necessidade:

É indispensável o ensino de língua portuguesa que desenvolva um processo de leitura/escrita em que o aprendiz se coloque como leitor crítico e autônomo, um processo cujas atividades ultrapassem uma prática de mera decodificação verbal para privilegiarem a compreensão dos textos segundo o caráter responsivo da linguagem e do discurso (ROJO & MOURA, op. cit., p. 181).

Desse modo, desenvolvi minhas aulas abordando o gênero textual crônica e suas respectivas características, levando para os alunos textos modelares, pois acredito que os discentes devem reconhecer o gênero, tendo um contato efetivo com esse tipo de texto.

3 Descrição da experiência

No período em que observei as aulas da professora, ela estava trabalhando com textos que abordavam a temática do uso de tecnologia no mundo atual. A docente desenvolveu uma sequência didática em torno desse assunto, abordando vários gêneros textuais (reportagens, charges, vídeos, pinturas, entre outros), finalizou esse assunto com a produção de um artigo de opinião, em que os alunos discutiram sobre o uso do celular em sala de aula. Vale ressaltar, que a professora abordava as questões gramaticais juntamente com os textos trabalhados, ou seja, trabalhava os tópicos gramaticais de forma contextualizada.



Para dar continuidade ao seu trabalho, a docente solicitou que eu apresentasse o gênero textual crônica, usando como textos modelares, as crônicas que foram produzidas por alunos na Olimpíada de Português de 2012. Estes textos foram publicados no caderno “Olimpíada de Língua Portuguesa: Escrevendo o Futuro. Caderno de textos finalistas, 2012.”.

Trabalhei uma sequência didática em uma turma de nono ano do Ensino Fundamental, desenvolvendo com os alunos habilidades de leitura e escrita do gênero textual crônica.

Dessa forma, em um primeiro momento realizei uma sondagem a respeito do tema, para verificar se os alunos possuíam algum conhecimento do assunto que seria trabalhado para, a partir daí, elaborar um roteiro de atividades que possam aumentar sua reflexão e seu letramento literário.

Dessa maneira, iniciei minha sequência de aulas apresentando aos alunos o tema que iria trabalhar. Para este primeiro momento, selecionei juntamente com a professora uma crônica retirada do caderno que ela mesma indicou (anexo 1).

Após ter feito essa contextualização do gênero, propus aos alunos um exercício de interpretação da crônica, para que os eles identificassem a estrutura do texto: como era o lugar em que se passava a narrativa, quem eram os personagens, entre outros aspectos (anexo 2). Após os alunos realizarem as atividades propostas, fiz a correção com a turma, solicitando a participação e colaboração de todos.

Em um segundo momento, levei uma outra crônica e exercícios de interpretação textual sobre ela. Meu objetivo era que os alunos tivessem se familiarizado com o gênero, dessa forma, conseguiriam explorar a crônica a partir do que já havíamos trabalhado (anexo 3).

Para finalizar o conteúdo com os alunos, os orientei na produção de uma crônica, fizemos essa atividade em sala de aula. A professora da turma resolveu colocar essa produção como parte da nota do bimestre, o que motivou os alunos. Esse trabalho foi muito satisfatório, pois os alunos pensaram em todos os passos, o que deveriam expor, o destinatário do texto, e as razões para se escrever.

4 Avaliação dos resultados

Diante da solicitação feita pela docente para que eu desse continuidade ao conteúdo programático, acredito que por meio da contextualização e do contato efetivo com o texto foi possível oferecer aos discentes a oportunidade de se apropriarem do gênero textual crônica.

Verifiquei que como a professora já trabalha com os alunos abordando os gêneros textuais de forma contextualizada, foi fácil trabalhar o assunto com os alunos, uma vez que eles já têm contato com diversos textos. Os alunos foram muito receptivos ao tema, participaram de todas as discussões e ainda trouxeram questões acerca do assunto.



Assim, acredito que minha abordagem do tema foi apropriada, pois os alunos conseguiram assimilar as características da crônica, uma vez que analisamos, interpretamos e produzimos esse gênero em sala de aula.

Considerações finais

Através do planejamento e elaboração das atividades da sequência didática, pude transpor para a escola a importância do trabalho com gêneros textuais no ensino. Dessa forma, acredito que minha didática contribuiu significativamente para o desenvolvimento dos alunos, propondo reflexões a respeito das características do texto.

Com a metodologia adotada, pude aguçar o interesse e a participação dos alunos, havendo um comprometimento muito grande dos discentes, que procuravam contribuir de todas as formas para o bom andamento e rendimento das aulas.

Apesar de o tema trabalhado ter sido escolhido pela professora efetiva da turma, foi possível uma proposta de trabalho que fosse relevante para os alunos, na qual eles pudessem ter um contato efetivo com o gênero textual crônica.

Desse modo, acredito que possibilitei uma visão real da significância dos gêneros textuais na vida dos alunos, uma vez que tiveram o contato com textos de forma ampla e não simplesmente superficial.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Begma Tavares. Letramento Literário: sobre a formação escolar do leitor jovem. In: **Edu.foco**, Juiz de Fora, v.16, n.1, p. 145 – 167 mar./ ago. 2011.

BRASIL/MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**. Brasília: MEC, 1996.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares nacionais para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. In DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Orgs. **Gêneros textuais e ensino**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MILLER, Carolyn. **Estudos sobre gêneros textuais, agência e tecnologia**. DIONISIO, Ângela P.; HOFFNAGEL, Judith C. (Orgs). Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009



ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

Anexo 1

Crônica

Rua da pista

Aluna: Maria Klívia Melo

Moro em uma rua bastante movimentada, popularmente conhecida como Rua da Pista. Sentada na minha calçada vejo o resplendor do verde, antes despercebido, deve ser por causa dos automóveis e das pessoas que circulam por aqui que muito me distraem...

Aqui é um lugar com bastante informação. Morando nesta rua não tem como dizer que não conhece a Luiza de França, é uma escola pública, pequena e onde todo mundo já estudou. Outro lugar muito conhecido é o Robby Lanches, um bar muito movimentado, nos finais de semana se torna um lugar muito engraçado, pois as pessoas ficam bêbadas e começam a dançar e fazer palhaçadas. A rua toda cai na gargalhada.

Semana passada aconteceu uma coisa bem interessante no Robby Lanches. Um homem chamado Luís, estava sentado, sozinho, completamente bêbado, já quase de pé, avistou sua mulher, a qual o nome não me recordo, ela parecia muito furiosa, era uma pessoa magra, de pele branca, cabelos loiros e levemente arrepiados, trazia consigo uma mala. Quando se aproximou de seu marido a mulher batia nele e o xingava. Os gritos eram altos! Logo, todos da rua estavam ali parados, cada um em sua calçada prestando atenção naquela cena. Percebi que reclamava muito. Resmungava que ele não a amava mais, que devia ter escutado a mãe quando disse que ela ia se arrepender, que ele estava diferente. Sua decisão final era ir embora para sempre. Descobri então o motivo da mala tão grande. Luís escutava de cabeça baixa, tendo a certeza de que estava perdendo o amor de sua vida.

Após finalizar o que tinha para falar, a mulher deu as costas para seu marido e saiu arrastando aquela mala pesada. Então, um pensamento me veio à cabeça: ele iria deixá-la ir embora sem nem pedir que ficasse? Deixar seu amor escorregar por entre suas mãos, sem nem tentar agarrá-lo? De repente, ele me surpreendeu e a toda rua. Em um pulo rápido, Luís se joga no chão, com a mão no coração fingindo um enfarte. Ao escutar os gritos do marido, ela solta a mala e corre em sua direção, já em prantos só de pensar que o perderia. A rua toda olhava aquela cena, uns indignados, pois ele a estava enganando, e outros, assim como eu, felizes, pois, o casamento deles não acabaria ali. Prevalencia o silêncio... Todos os olhos fixados neles, parecia até final de novela das oito.

O homem se levantou com a ajuda de sua amada e os dois se beijavam e se abraçavam, demonstrando para todos os “telespectadores” que a “novela” deles estava acabando com final feliz. Após isso, saíram de mãos dadas, enquanto as pessoas que os olhavam, agora comentavam sobre o fato ocorrido há pouco tempo.

A Rua da Pista é assim, nunca é monótona, ela sempre dá um jeito de se destacar em meio às outras ruas, seja através daquele casal, seja por si só... Ela sempre dá um jeito!

Professora: Maria de Jesus Melo Lima

Escola: E. M. Professora Nair Fernandes Rodrigues – Açú (RN)

Fonte: *Olimpíada de Língua Portuguesa: Escrevendo o Futuro. Caderno de textos finalistas, 2012.*



Anexo 2

ESCOLA MUNICIPAL DANTE JAIME BROCHADO

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

TURMA: 9º ANO

ALUNO (A): _____ TURMA _____

Questões sobre o texto **“A rua da pista”****1)** Com base na leitura do texto, descreva como era a Rua da Pista.

2) No bairro onde você mora há alguma rua parecida com a que é narrada na crônica? Se sim, fale sobre ela.

3) Marque X na resposta certa - Na crônica, o acontecimento narrado envolve como personagens:

- a) dois melhores amigos
- b) um irmão e um tio
- c) um casal
- d) uma avô e uma neta

4) Uma crônica pode ser narrada a partir da "voz" de três tipos de narradores:

- narrador personagem (aquele que narra e, ao mesmo tempo, participa do que é narrado),
- narrador observador (aquele que narra, mas não participa da história)
- e narrador onisciente (aquele que tudo sabe e conhece, inclusive os sentimentos e pensamentos dos personagens).

Dessa forma, qual, dentre os três tipos acima, seria o narrador da crônica "A rua da pista"?

5) Ler uma narrativa é um exercício que acaba fazendo com que o leitor crie expectativas em relação ao que irá futuramente acontecer. Essas expectativas podem ou não se concretizarem, dependendo do desfecho proposto pelo autor. Sendo assim, o final da crônica correspondeu ao que você imaginava?

Anexo 3

Crônica

Sessenta minutos

Aluna: Viviane Marins Guimarães

O despertador do celular toca. Soneca. Soneca. Mais cinco minutos. Não dá mais, tenho de levantar. São 5h45 e eu ainda estou com muito sono. Paciência, se não levantar agora, *bye-bye* escola. O ônibus passa às 6h10 e se eu não chegar a tempo, só daqui à uma hora. Coisas de quem vive na Posse, um paraíso escondido sob nuvens de poeira da estrada de chão.

É impressionante como o tempo voa quando a gente está atrasada. Tudo feito: uniforme, livros, mochila, café... O horário está apertado, mas estou pronta para sair. Passos rápidos até o ponto; cheguei. Mas algo está errado, muito silêncio e muita poeira. A matemática não falha: silêncio+ vazio + poeira = o amarelinho passou. Sabia que isso ia acontecer, culpa daquela soneca a mais. Não tem muita escolha, uma hora de espera. Se ao menos desse para voltar para a cama... Melhor não arriscar.

Em sessenta minutos é possível se pensar em muita coisa, principalmente quando se está sozinha em um lugar quase desértico. Ainda sob o efeito da irritação pelo atraso, que a diretora não me deixará esquecer, penso nas contradições do lugar onde vivo: sou do Rio de Janeiro (tudo bem que Tanguá fica um pouquinho distante e a Posse faz parecer um outro continente) e quanta coisa vai acontecer por aqui! As Olimpíadas e a Copa do Mundo prometem trazer muitas novidades, o Brasil ficará mais moderno do que nunca. Prédios, estádios, metrô... e eu, parada em um ponto de ônibus, engolindo poeira do estradão. Se eu contar isso no Facebook para qualquer pessoa de outro lugar do mundo, acho que vão dizer que é piada.

Pensei, cantei, falei sozinha, tirei cutícula e ainda são 6h54. É impressionante como o tempo engatinha quando a gente está esperando o amarelinho. Os dezesseis minutos restantes até a chegada do ônibus foram de completo vazio, nem dá para contar. Dezesseis não, dezenove. O ônibus atrasou três minutos, só porque eu não precisava, sempre assim.

Chegando à escola, nenhuma novidade. Sermão da diretora, desculpa ao professor, implicância dos colegas da turma. Pareceu uma eternidade, mas comecei meu dia de aula, enfim. No quadro, o professor de geografia explica sobre globalização, sobre como a noção de tempo mudou com o passar dos anos. Nos dias de hoje, em uma hora, muita coisa acontece e muita coisa muda no mundo. Mas no mundo de quem? Se eu contar isso no Facebook para qualquer pessoa, acho que vão dizer que é piada.

Professor: Wagner da Conceição Trindade/ Escola: E. M. Ernestina Ferreira Muniz – Tanguá (RJ)
 Fonte: *Olimpíada de Língua Portuguesa: Escrevendo o Futuro. Caderno de textos finalistas, 2012.*



ESCOLA MUNICIPAL DANTE JAIME BROCHADO

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

ALUNO (A): _____ TURMA: _____ DATA:

___/___/___

Questões sobre o texto **“Sessenta minutos”**

1) Através da leitura do texto “Sessenta minutos”, podemos perceber que há alguns contrastes entre o lugar que a personagem mora e outros lugares do Brasil. Aponte, com base no texto quais são esses contrastes.

2) Tendo o texto como exemplo, responda por que às vezes o tempo parece passar muito rápido e às vezes parece que o tempo parou.

3) Uma crônica pode ser narrada a partir da "voz" de três tipos possíveis de narradores:

- narrador personagem (aquele que narra e, ao mesmo tempo, participa do que é narrado);
- narrador observador (aquele narra, mas não participa da história);
- narrador onisciente (aquele que tudo sabe e conhece, inclusive os sentimentos e pensamentos dos personagens).

Dessa forma, qual, dentre os três tipos acima, seria o narrador da crônica “Sessenta minutos”?

4) Refletindo sobre a história narrada nesse texto, crie um novo título para essa crônica.

